

A ROMANTIZAÇÃO DE RELACIONAMENTOS ABUSIVOS EM OBRAS CINEMATOGRAFICAS E A PERCEPÇÃO DE ADOLESCENTES DO SEXO FEMININO

THE ROMANTICIZATION OF ABUSIVE RELATIONSHIPS IN FILMS AND THE PERCEPTION OF FEMALE ADOLESCENTS

Gabriela Paes de Oliveira

Graduação em Psicologia
Centro Universitário CEUNI - FAMETRO

Mabelly Teixeira Miranda

Graduação em Psicologia
Centro Universitário CEUNI - FAMETRO

Jeckson Santos do Nascimento

Graduação em Psicologia
Centro Universitário CEUNI - FAMETRO

Rodrigo Alves da Silva

Graduação em Psicologia
Centro Universitário CEUNI - FAMETRO

Marcos Vinícius Santos Batista Silva

Mestrado em Saúde Coletiva pela Universidade do Estado do Amazonas
Docente no Centro Universitário CEUNI - FAMETRO

DOI: <https://doi.org/10.46550/ilustracao.v7i9.820>

Aceito em: 15.09.2026

Resumo: A adolescência é uma fase determinante para o desenvolvimento socioemocional e a construção da identidade, período no qual a mídia e especialmente o cinema, atuam como um influente agente de socialização na formação de expectativas sobre o amor e as relações afetivas. Este estudo analisa a literatura científica acerca da romantização de relacionamentos abusivos em obras cinematográficas e sua relação com a percepção de adolescentes do sexo feminino. O problema central reside na forma como narrativas audiovisuais estetizam o abuso, levando jovens a assimilarem práticas de controle, ciúme excessivo e dependência emocional como demonstrações legítimas de afeto. O objetivo geral é analisar de que maneira a literatura aborda a influência do cinema na naturalização ou no questionamento dessas dinâmicas violentas entre o público feminino jovem. Metodologicamente, trata-se de uma revisão narrativa da literatura, de abordagem qualitativa e caráter bibliográfico, realizada a partir de buscas na base de dados Google Acadêmico com recorte temporal entre 1985 e 2025. A justificativa fundamenta-se na urgência social de enfrentar a invisibilização da violência psicológica no namoro, frequentemente velada por mitos do amor romântico reproduzidos pela indústria cultural, destacando-se a importância da educação emocional e da leitura crítica da mídia como ferramentas de prevenção.

Palavras-chave: Adolescência. Cinema. Relacionamentos abusivos. Romantização. Violência.

Abstract: Adolescence is a pivotal stage for socio-emotional development and identity formation—a period during which media, and cinema in particular, act as influential agents of socialization in shaping expectations regarding love and romantic relationships. This study analyzes the scientific literature concerning the romanticization of abusive relationships in films and its impact on the perceptions of adolescent girls. The central issue lies in how audiovisual narratives aestheticize abuse, leading young people to internalize controlling behaviors, excessive jealousy, and emotional dependency as legitimate expressions of affection. The general objective is to analyze how the literature addresses cinema's influence on either normalizing or challenging these violent dynamics among young female audiences. Methodologically, this is a narrative literature review—qualitative in approach and bibliographic in nature—conducted via searches in the Google Scholar database, covering the period from 1985 to 2025. The study is justified by the urgent social need to address the invisibility of psychological violence in dating—often masked by romantic love myths perpetuated by the culture industry—and highlights the importance of emotional education and critical media literacy as preventive tools.

Keywords: Adolescence. Cinema. Abusive relationships, Romanticization. Violence.

Introdução

A adolescência é reconhecida como uma fase crucial para o desenvolvimento socioemocional, marcada por intensa construção da identidade e das primeiras experiências afetivas. De acordo com Andrade, Moraes e Martins (2023), é nesse período que os jovens organizam significados sobre intimidade e vínculos sociais a partir de modelos e padrões culturais que lhes são transmitidos. Nesse processo, a vivência pessoal é atravessada por fatores sociais e culturais externos que validam as dinâmicas relacionais (Veríssimo *et al.*, 2022). Sob essa lógica, a mídia, especialmente o cinema, atua como membro da indústria cultural na produção de subjetividades e padrões afetivos (Praxedes; Gomes, 2024), contribuindo para a formação de crenças e expectativas sobre relacionamentos entre adolescentes, sobretudo meninas.

Pesquisas recentes demonstram que as narrativas midiáticas têm impacto direto na forma como jovens percebem romance e o comportamento amoroso. Praxedes e Gomes (2024) indicam que obras que retratam relações abusivas de modo suavizado podem levar adolescentes a assimilar sinais de controle, ciúmes e dependência emocional como manifestações legítimas de amor. Os autores afirmam que “a indústria cultural, ao estetizar o abuso, produz subjetividades que naturalizam dinâmicas violentas” (Praxedes; Gomes, 2024). Essa naturalização, quando associada ao momento de vulnerabilidade emocional típico da adolescência, pode fortalecer interpretações distorcidas do que constitui um relacionamento saudável.

Além disso, pesquisas sobre violência no namoro apontam que a forma mais recorrente de agressão entre adolescentes é a psicológica, frequentemente invisibilizada e confundida com comportamentos de cuidado ou preocupação. De acordo com Costa *et al.* (2023), é identificado que meninas adolescentes, por estarem inseridas em construções de gênero que reforçam a idealização do amor e a submissão afetiva, tendem a aceitar práticas abusivas com maior facilidade. Além disso, Andrade e Lima (2018) afirmam que estereótipos de gênero em muitas adolescentes “não reconhecem como violência atitudes que vão desde o controle velado até a manipulação emocional”.

Segundo Girard (2009), nesse cenário de manipulação emocional, a romantização de comportamentos abusivos em filmes contribui para a manutenção dos chamados mitos do amor romântico, como a crença de que o ciúme é prova de paixão ou de que o amor é capaz de transformar pessoas agressivas. O autor argumenta ainda que tais mitos são repetidos em narrativas culturais que moldam expectativas afetivas, tornando-se uma lente através da qual jovens interpretam suas próprias vivências amorosas (Girard, 2009).

Sendo assim, a influência cinematográfica ultrapassa o entretenimento e pode participar da construção de repertórios emocionais das adolescentes. A empatia com personagens e tramas dramáticas pode intensificar esse processo, favorecendo a identificação com comportamentos apresentados como românticos, mesmo quando prejudiciais. Considerando que a violência no namoro entre adolescentes constitui um fenômeno relevante e frequentemente naturalizado, torna-se fundamental compreender de que maneira a romantização do abuso em obras cinematográficas pode influenciar a percepção desse público.

Dessa forma, Moran (2007) compreende esse fenômeno que contribui não apenas para o campo acadêmico, mas também para ações de prevenção à violência de gênero, construção de educação emocional e desenvolvimento de práticas pedagógicas que incentivem o consumo crítico de mídia. O autor sustenta que todo “sentido pode combinar, manipular toda e qualquer informação”. Nesse sentido, este artigo busca analisar como a romantização de relacionamentos abusivos influencia a percepção de adolescentes do sexo feminino sobre relacionamentos, identificando os efeitos psicológicos e sociais da exposição a conteúdos que romantizam o abuso e propondo estratégias preventivas e educativas voltadas à promoção de relacionamentos saudáveis.

A escolha deste tema também se fundamenta nas vivências subjetivas dos autores, que reforçam a relevância científica e social da investigação. Ao longo da adolescência, o contato com obras cinematográficas que retratavam dinâmicas abusivas como elementos de romances idealizados despertou reflexões sobre a forma como essas narrativas podem participar da construção de expectativas afetivas. A observação de personagens masculinos com comportamentos controladores sendo apresentados como figuras românticas também contribuiu para o interesse em compreender como determinadas representações podem tornar práticas abusivas menos perceptíveis.

Dessa forma, a relevância deste estudo está não apenas na compreensão das representações cinematográficas, mas também na possibilidade de refletir sobre como essas narrativas são interpretadas por adolescentes e sobre os significados atribuídos aos comportamentos presentes nos relacionamentos. Nesse sentido, discutir a romantização do abuso contribui para ampliar o olhar sobre a violência no namoro e para pensar estratégias de prevenção que favoreçam relações mais conscientes e saudáveis.

Diante disso, este artigo tem como objetivo analisar, por meio de uma revisão narrativa da literatura, a relação entre a romantização de relacionamentos abusivos em obras cinematográficas e a percepção de adolescentes do sexo feminino sobre os relacionamentos afetivos. Busca-se compreender como essas representações são discutidas na literatura e quais aspectos podem contribuir para a naturalização ou o questionamento de comportamentos abusivos.

Metodologia

O presente artigo caracteriza-se como uma pesquisa bibliográfica, de abordagem qualitativa e finalidade exploratória. Esse delineamento metodológico foi escolhido por possibilitar o levantamento, a seleção e a análise de produções científicas já publicadas acerca da romantização de relacionamentos abusivos em obras cinematográficas e seus impactos na percepção de adolescentes do sexo feminino. Dessa forma, a pesquisa busca compreender como a mídia cinematográfica influencia a construção de crenças, valores e concepções sobre relacionamentos afetivos durante a adolescência.

A pesquisa bibliográfica foi adotada por permitir acesso aos conhecimentos já sistematizados em artigos científicos, dissertações, livros e estudos acadêmicos relacionados ao tema escolhido. A abordagem qualitativa favoreceu uma análise interpretativa e reflexiva dos conteúdos encontrados, priorizando assim a compreensão dos significados atribuídos pelos autores à influência midiática, à violência e às relações abusivas romantizadas no contexto adolescente. Assim, o estudo concentrou-se mais na interpretação crítica dos fenômenos do que na mensuração de dados quantitativos.

O processo metodológico ocorreu em etapas articuladas. Inicialmente, foi definido o tema da pesquisa e delimitados seus objetivos gerais e específicos. Em seguida, estabeleceram-se os descritores utilizados para a busca bibliográfica, entre eles: “relacionamentos abusivos”, “romantização da violência”, “violência no namoro”, “mídia e adolescência”, “violência simbólica”, “cinema”, “adolescentes” e “violência de gênero”. Posteriormente, realizou-se a leitura dos títulos, resumos e palavras-chave dos materiais localizados. Após essa triagem inicial, os textos considerados mais relevantes foram lidos integralmente e organizados conforme sua relação com os eixos temáticos do estudo.

Para a localização das produções científicas, utilizou-se a base de dados do Google Acadêmico. A escolha dessa ferramenta ocorreu em razão de sua ampla abrangência acadêmica, permitindo o acesso a artigos científicos, dissertações, teses e demais produções relevantes nas

áreas da Psicologia, Ciências Humanas e Saúde. Além disso, o Google Acadêmico possibilitou a consulta a estudos nacionais e internacionais relacionados à violência em relacionamentos afetivos, influência da mídia, romantização de comportamentos abusivos e desenvolvimento emocional de adolescentes, contribuindo para a construção do corpus teórico desta pesquisa.

Os critérios de inclusão abrangem estudos publicados entre os anos de 1985 e 2025, disponíveis em língua portuguesa, que apresentem relação direta com adolescentes, relacionamentos abusivos, romantização da violência em obras midiáticas e impactos psicológicos decorrentes dessas representações. Foram incluídos artigos científicos, dissertações, teses e revisões de literatura que abordassem a influência da mídia na construção de concepções sobre relacionamentos afetivos.

Por outro lado, foram excluídos materiais repetidos, estudos sem relação direta com adolescência ou mídia cinematográfica, publicações sem fundamentação científica e textos cujo foco estivesse restrito à violência doméstica conjugal adulta sem articulação com o contexto adolescente. Também foram desconsiderados materiais que não tratavam diretamente com os objetivos propostos pela pesquisa.

A análise e discussão dos dados ocorreram de forma descritiva e interpretativa, buscando identificar aproximações, diferenças e contribuições entre os autores selecionados. Além disso, procurou-se compreender de que maneira a literatura científica contemporânea discute a influência das produções cinematográficas na naturalização de comportamentos abusivos e na formação emocional de adolescentes do sexo feminino.

Fundamentação teórica

A violência no namoro entre adolescentes tem recebido uma crescente atenção na literatura científica, e pode ser compreendida como uma forma de controle, restrição e/ou autonomia violenta contra o parceiro, (Veríssimo *et al.*, 2022). Ela pode aparecer de diversas formas, manifestando-se por meio de abusos verbais, físicos, morais, sexuais, entre outras formas. Além disso, está presente em todas as classes sociais e etnias, independentemente da orientação sexual. Vale ressaltar que essa violência sofre influência dos fatores sociais, culturais, familiares e individuais destes adolescentes, o que significa que os fatores externos contam na equação da relação e em como ela ocorre (Veríssimo *et al.*, 2022).

Segundo Ferreira (2024), os acontecimentos e influências de gerações passadas perpassam os mais jovens por meio de modelos de padrões interacionais guiados pela violência, reproduzidos através da comunicação, dos papéis tradicionais de gênero relacionados à masculinidade e à feminilidade, bem como dos valores, crenças, legados e regras compartilhadas.

Desse modo, podemos compreender que há certa predisposição de “perceber” a violência como algo esperado na relação íntima, (Haack; Falcke, 2020). Esse pensamento tende a ser agravado diante de experiências violentas durante o crescimento e desenvolvimento deste adolescente, afirma Veríssimo *et al.* (2022):

Outros fatores abrangem o contexto de inserção do adolescente e de suas relações interpessoais, como a família, comunidade, os aspectos culturais, políticos e econômicos que podem validar a violência entre os pares como algo natural na sociedade (Veríssimo *et al.*, 2022).

Podemos entender a afirmativa como os fatores sociais e culturais que influenciam a vida dos adolescentes. Lembrando que nessa fase de influências, amizades e relacionamentos ganham um foco principal e a família cede o espaço para a construção desses novos relacionamentos (Andrade; Lima, 2018).

Neste artigo, buscamos entender de que forma as obras cinematográficas poderiam fazer parte desta influência externa, ao apresentar para adolescentes relacionamentos em que a violência está presente, porém, abordada como algo romântico e um modelo a ser seguido.

Sendo assim, a “indústria cultural”, que, de acordo com Adorno e Horkheimer (1985), é um fenômeno compreendido a partir do século XX, passou a ocupar um lugar central na homogeneização de massas, tomando o papel que a igreja possuía séculos antes. Praxedes e Gomes (2024) afirmam que, com o passar dos anos, este meio evoluiu e ocorreu uma frenética produção de filmes, músicas, programas de televisão feitos para uma padronização do consumo.

O mecanismo ou estratégia adotada para a produção e distribuição em massa, a padronização, advém do controle da consciência individual que, a partir da exposição do indivíduo a uma mídia que o torna passivo, não permitindo o poder de resposta, de mudar o que está sendo recebido ou mesmo tempo para introspecção [...] direcionam as necessidades dos indivíduos aos produtos que estão sendo vendidos pelas indústrias, através de uma propaganda direta ou indireta, e não abordam as necessidades que não podem ser monetizadas, recalcando-as (Praxedes; Gomes, 2024).

A declaração acima deixa claro que nessa problemática a padronização levou os adolescentes à introspecção das necessidades românticas como algo essencial em suas vidas. Observamos também o crescente número de filmes produzidos e lançados nos últimos anos que abordam na trama principal um romance heterossexual entre pessoas jovens, com a garota geralmente sendo a figura mais jovem, em que o garoto é a figura central de poder, podendo utilizar a violência psicológica, moral, sexual para conseguir dominar a relação. A problemática vem da maneira como isso acaba sendo exposto, sendo transmitido para os telespectadores como algo bonito, romântico, sensual e sedutor, como nos filmes: *After* – 2019; *Através da Minha Janela* – 2022; *O Fabricante de Lágrimas* – 2024 e *A Barraca do Beijo* – 2018, cujas representações serão posteriormente analisadas na seção de discussão deste artigo.

Os conteúdos destes filmes surgem na intenção de repetir clichês usados para compor o produto de forma previsível, de maneira que a progressão esteja dentro do esperado pelo espectador e produza emoções específicas pré-determinadas pelo produtor. Para Praxedes e Gomes (2024), esta é uma arte que enfraquece a capacidade de reflexão durante sua execução, e exclui qualquer possibilidade de resposta, a consciência é capturada e o mundo passa a ser observado pela lente imposta pelo produto midiático.

Manifestações da violência em relacionamentos afetivos na adolescência

Relacionamentos afetivo-sexuais iniciados durante a adolescência não estão livres dos conceitos de papéis de gênero impostos na sociedade durante a história da humanidade (Cechetto *et al.*, 2016). Segundo Martins (2017), dentro dessa definição há “produção e reprodução de relevantes desigualdades marcadas por subalternizações diversas de gênero, raça e sexualidade”, tornando essas adolescentes mais prováveis de sofrer algum tipo de violência dentro do namoro.

Para Costa *et al.* (2023), em um estudo realizado com grupos focais de 29 adolescentes, entre 13 e 17 anos, mesmo que a violência de gênero também seja uma realidade para homens, as mulheres são vítimas preferenciais, muito relacionadas a existência do sistema de dominação-exploração, denominado amplamente como patriarcado, conhecido como a submissão do sexo feminino ao masculino.

Quando trazida à realidade da adolescência, mesmo que haja esforços para tornar essa fase de desenvolvimento segura, como, por exemplo, a existência do Estatuto da Criança e do Adolescente (ECA), diversos tipos de violência ainda são bastante presentes em seus envolvimento e, em alguns casos, não são reconhecidos como tais, não somente por eles, mas também por adultos que possam estar acompanhando. Essa faticidade nos indica a naturalização da violência (Cechetto *et al.*, 2016; Oliveira, *et al.*, 2016).

Na literatura, de acordo com Borges, Heine e Dell’Aglío (2020), a violência no namoro compreende comportamentos abusivos, incluindo violência física, psicológica e sexual. Atualmente, pode ser considerada como uma questão de saúde pública, pois existe “repetição de padrões violentos nas relações conjugais adultas, além de estar associada a uma série de consequências negativas na saúde mental das pessoas envolvidas”, tornando algo cíclico (Borges, Heine e Dell’Aglío, 2020).

Como consequência, alguns dos problemas psicológicos relacionados a essa violência são: depressão, ansiedade, estresse pós-traumático, distúrbios alimentares, uso de álcool e tabaco e comportamento sexual de risco (Borges, Heine e Dell’Aglío, 2020).

É possível constatar que em relacionamentos juvenis, a violência psicológica é a primeira a se fazer presente, em muitos casos, disfarçada como uma obsessão romântica devido à grandiosidade da paixão vivida pela jovem (Mattes e Rocha, 2016). Além disso, os autores afirmam que tal ato pode evoluir para uma forma de controle, novamente vista como cuidado, principalmente em demonstrações de ciúmes, o que as leva a cederem a pressões, pois, imaginam que esse comportamento é fruto de carinho, afeto e amor.

Conforme Soares, Lopes e Njaine (2013), uma forma de combatê-los seria através da identificação precoce dos sinais, comumente chamados de “red flags” (bandeiras vermelhas) pelos jovens. Entretanto, para que isso aconteça, é necessário que a adolescente possua informações, seja acompanhada por responsáveis e tenha uma rede de apoio consciente que busque ajudá-la. Porém, é difícil que todas possuam esse monitoramento, especialmente

quando, além da naturalização da violência, há também uma transferência de responsabilidades constantes. Para Soares, Lopes e Njaine (2013):

Muitas vezes, a família se exime de tratar desse assunto com os jovens, deixando essa “tarefa” exclusivamente para a escola. Entretanto, se a instituição escolar não reconhece como sua essa responsabilidade, os adolescentes ficam desamparados no que se refere à educação sexual e à oportunidade de discussões sobre seus relacionamentos (Soares, Lopes e Njaine, 2013).

Dessa forma, devido à falta de informações, dúvidas e à crescente romantização de comportamentos tóxicos nas grandes mídias, esse reconhecimento se torna mais difícil de ser realizado e, segundo Oliveira, *et al.* (2016), passa a ser justificado, sem uma consequência para o agressor, pois se torna algo belo, romântico e admirável, o autores explicam:

A romantização desse tipo de relacionamento é comum e diz respeito à transposição de uma realidade violenta e problemática para a forma de romance, como uma espécie de glamourização do abuso, tornando-o poético e desejável. Ao tratar dessa romantização, espera-se que as pessoas façam a conexão entre uma cultura que sexualiza, perdoa, tolera e glorifica situações abusivas e a violência da vida real (Oliveira, *et al.*, 2016).

Para Oliveira, *et al.* (2016), a normatização é um prejuízo às culturas, e com o crescente número de casos e a naturalização desse ato, esse estudo busca compreender de que forma obras cinematográficas voltadas para o público jovem feminino podem, mesmo que indiretamente, estar influenciando adolescentes, vangloriando e romantizando comportamentos tóxicos, tornando-os modelos de relação amorosa (Oliveira *et al.*, 2016).

Obras cinematográficas e seu poder de influência: o impacto dos filmes românticos na adolescência

Desde sua fundação, o cinema exerce a função de perpetuar ideais, comportamentos, valores, modelos de vida e identidade sociais, que moldam tendências, padrões e consumos em nossa sociedade (Florian; Yamatsumi; Santana, 2025). E no decorrer dos anos, com o avanço da tecnologia e dos meios de comunicação, assim como o surgimento de plataformas de streaming, a influência do cinema se expandiu e ampliou o número de filmes voltados a situações mais rotineiras e estabeleceu melhor o público-alvo de cada gênero de produção.

Além disso, personagens passaram a nascer com o intuito de que o público deseje ser ele, viver como ele e experienciar sua vida, mesmo em realidades diferentes, personalidades distintas e condições singulares. Florian, Yamatsumi e Santana, 2025 ainda afirmam:

O espectador estabelece uma conexão psicológica com os personagens, criando um vínculo por meio de processos de identificação e projeção. A identificação ocorre quando o espectador reconhece no personagem traços de sua própria realidade, experiências e dilemas; já a projeção acontece quando o indivíduo atribui ao personagem qualidades que ele mesmo aspira possuir, transformando-o em um ideal (Florian; Yamatsumi; Santana, 2025).

Na afirmativa de Florian, Yamatsumi e Santana (2025), podemos dizer que esses processos de identificação levam o espectador a fazer uma escolha romântica. De modo geral, esse comportamento, quando baseado em histórias que abordam algo tóxico de forma romantizada, pode acarretar ao espectador uma distorção da realidade, principalmente quando tais atos forem recorrentes na vida da adolescente.

A influência das obras cinematográficas torna-se particularmente relevante durante a adolescência, uma vez que os meios audiovisuais atuam como importantes agentes de socialização, transmitindo modelos de comportamento, normas sociais e concepções acerca dos relacionamentos amorosos. Nesse sentido, a mídia audiovisual exerce influência significativa sobre a forma como adolescentes compreendem e vivenciam suas relações afetivas (Vieira, 2016).

Tal influência torna-se ainda mais expressiva no período da adolescência, momento esse caracterizado por intensas transformações psicológicas, emocionais e sociais. Os relacionamentos afetivos vivenciados nessa fase desempenham papel importante na construção da identidade e no desenvolvimento emocional dos jovens, fazendo com que modelos observados na mídia possam servir como referência para a compreensão do amor e das relações interpessoais (Papalia, Olds, Feldman, 2006).

Essa influência pode ser compreendida dentro da teoria da aprendizagem social de Bandura (2006), a qual explica-nos que grande parte dos comportamentos, crenças e atitudes é adquirida por meio da observação de modelos significativos. Melo-Dias e Silva (2019) trazem então esse contexto para dentro da problemática e revelam como personagens cinematográficos admirados pelo público podem funcionar como referências para a construção de expectativas e concepções sobre relacionamentos amorosos.

Ao apresentar determinadas condutas como demonstrações legítimas de amor, as produções cinematográficas podem contribuir para a construção de ideais romantizados acerca dos relacionamentos. Em muitos filmes românticos destinados ao público jovem, comportamentos como ciúme excessivo, possessividade, controle sobre amizades, insistência diante de recusas e dependência emocional são frequentemente apresentados como demonstrações de amor, proteção ou interesse genuíno. Quando comportamentos dessa natureza são retratados de forma positiva, existe o risco de que tais práticas sejam interpretadas como expressões de afeto, dificultando o reconhecimento de sinais de violência psicológica e emocional, (Arduini, 2008).

Assim, o cinema é um dos vários caminhos que a mídia encontra para a difusão de pensamentos e conceitos para estabelecer ideologias na sociedade. Ideologias capazes de se adaptarem às culturas e de se tornarem as culturas adaptáveis a elas. Arduini (2008) comenta ainda que:

O entretenimento que o cinema proporciona confunde o público, pois parece algo inofensivo. Muitas vezes o público não compreende que está sendo influenciado e testado pela indústria cinematográfica. Os filmes românticos atingem as pessoas com facilidade. Se a mídia é tão poderosa a ponto de influenciar tudo o que toca na vida do indivíduo e da sociedade como um todo de valores e conceitos, por que

ela não conseguiria obter a mesma conquista na vida amorosa de todos eles? Pois se a mídia está presente a todo instante oferecendo prazer e fantasia ao indivíduo, o que de mais prazeroso, poderoso e ilusório há na existência do que o amor? É uma guerra ganha para a mídia que faz da presença do amor na vida das pessoas um lugar de negociação de práticas e representações (nem sempre verossímeis), cuja matériaprima são vidas concretas sempre em busca da felicidade e a felicidade está sempre no meio do caminho entre o amor e o espinho (Arduini, 2008).

Arduini (2008) finaliza seu pensamento nos dizendo que, quando tais comportamentos são repetidamente apresentados de forma positiva ou desejável, adolescentes podem desenvolver percepções distorcidas acerca dos limites saudáveis nas relações afetivas. Dessa forma, práticas de controle, manipulação e violência emocional podem ser interpretadas como elementos normais do amor romântico, favorecendo a permanência em relacionamentos prejudiciais e contribuindo para a naturalização de formas de violência nas relações amorosas (Vieira, 2016).

Discussão

A análise dos estudos selecionados permite-nos compreender que a percepção de adolescentes do sexo feminino sobre os relacionamentos afetivos se constrói a partir de diferentes experiências e referências, que envolvem aspectos individuais, sociais e culturais. A adolescência apresenta-se, nesse sentido, como um período importante, marcado pela construção da identidade e pelas primeiras experiências amorosas. Andrade e Lima (2018) destacam que, nessa fase, os relacionamentos passam a ocupar um espaço significativo na vida dos adolescentes, enquanto Veríssimo *et al.* (2022) apontam que fatores sociais, culturais, familiares e individuais influenciam a forma como a violência é compreendida. Assim, os modelos presentes no meio social podem contribuir para a formação das expectativas sobre o que é amar e ser amado, principalmente quando determinadas condutas são apresentadas como naturais ou desejáveis. Bandura (2006) deixa claro que as teorias sociais e cognitivas, se não forem processadas de maneira adequada, tornam-se manipulações de pensamentos e mudam culturas de dentro para fora, absorvidas dos filmes e das produções.

Essa questão ganha importância quando se observa que a violência no namoro nem sempre é reconhecida pelos adolescentes como tal. Costa *et al.* (2023), ao investigarem adolescentes entre 13 e 17 anos, identificaram desigualdades relacionadas ao gênero nos relacionamentos afetivo-sexuais, destacando a maior vulnerabilidade das meninas diante de determinadas formas de violência. Andrade e Lima (2018) também apontaram que atitudes relacionadas ao controle e à manipulação emocional podem não ser percebidas como abusivas. Da mesma forma, Cechetto *et al.* (2016) e Oliveira, *et al.* (2016) discutem e apontam que os temas se tornam a naturalização de comportamentos violentos nas relações juvenis. Esses estudos ajudam a compreender que determinadas práticas podem ser incorporadas ao cotidiano dos relacionamentos sem serem imediatamente reconhecidas como problemáticas, ou manipulação da cultura.

Nesse cenário, a violência psicológica merece atenção por poder aparecer de maneira sutil e ser confundida com cuidado, preocupação ou demonstração de afeto. Mattes e Rocha (2016) apontaram que comportamentos associados à obsessão romântica podem evoluir para práticas de controle, enquanto o ciúme pode ser interpretado como demonstração de carinho e amor. Oliveira *et al.* (2016), por sua vez, discutem a romantização de relacionamentos abusivos como um processo em que situações violentas são transformadas simbolicamente em experiências românticas, tornando comportamentos prejudiciais mais aceitáveis ou desejáveis. A partir dos argumentos dos autores e das leituras interpretadas, percebe-se que a dificuldade de reconhecer a violência não depende apenas da falta de informação, mas também dos significados que são atribuídos a determinadas atitudes dentro dos relacionamentos.

É nesse contexto que as obras cinematográficas ganham espaço na discussão. A literatura utilizada neste estudo não permite compreender o cinema, isoladamente, como responsável pela construção dessas percepções, mas aponta que ele participa da produção e circulação de modelos afetivos. Praxedes e Gomes (2024) discutem a relação entre indústria cultural e relacionamentos abusivos, destacando que a representação estetizada da violência pode contribuir para a naturalização de determinadas dinâmicas. Além disso, Florian, Yamatsumi e Santana (2025) também apontaram que o cinema participa da transmissão de valores, comportamentos e modelos sociais, enquanto Vieira (2016) discutiu a influência das representações midiáticas na compreensão do amor juvenil.

Assim, a questão não está apenas na presença de comportamentos abusivos nas narrativas, mas principalmente na forma como eles são apresentados e compreendidos dentro da história. Quando ciúmes, possessividade, controle, insistência diante de recusas, manipulação ou dependência emocional aparecem associados ao amor, à proteção ou à paixão, esses comportamentos podem adquirir um significado diferente daquele que teriam fora da ficção. Nesse sentido, Arduini (2008) destacou em sua literatura que há participação da mídia na construção do imaginário romântico que é prejudicial, ao passo que Oliveira, *et al.* (2016) compreendeu a romantização como uma forma de transformar uma realidade violenta em uma representação desejável ou admirável.

Análise das obras cinematográficas selecionadas

A análise das obras selecionadas permite-nos observar, de maneira mais concreta, como essas discussões aparecem nas narrativas cinematográficas. Embora *After* (2019), *Através da Minha Janela* (2022), *O Fabricante de Lágrimas* (2024) e *A Barraca do Beijo* (2018) apresentem histórias e personagens diferentes, identificam-se entre elas elementos recorrentes na construção dos relacionamentos amorosos. Entre esses elementos estão a presença de protagonistas masculinos caracterizados como rebeldes, misteriosos ou agressivos, relações marcadas por conflitos e instabilidade emocional e a associação entre comportamentos possessivos ou controladores e sentimentos amorosos.

Em *After*, dirigido por Jenny Gage, por exemplo, a protagonista Tessa, apresentada como uma jovem dedicada e responsável, envolve-se com Hardin, personagem construído como rebelde e inconsequente. Após se encontrarem em uma festa, a relação entre os dois se desenvolve de maneira romântica, apesar de posteriormente ser revelado que Hardin inicialmente se aproximou de Tessa em razão de uma aposta feita com os amigos. A situação evidencia uma dinâmica em que a protagonista é colocada diante de uma relação marcada pela quebra de confiança, mas a continuidade do vínculo amoroso permanece como elemento central da narrativa.

Através da Minha Janela, sob a direção de Marçal Forés, ainda nos entrega uma construção semelhante do personagem masculino como o “bad boy” desejado: Ares é apresentado como bonito, rico, misterioso e popular, enquanto Raquel desenvolve uma forte idealização em relação a ele a partir do momento em que começa a observá-lo pela sua janela, sem ter coragem de se aproximar, seus desejos ficando pungentes em sua mente. Entretanto, em uma sucessão de eventos, os dois passam a se encontrar em lugares inesperados, como se Ares estivesse a perseguindo.

O envolvimento entre os dois é marcado por encontros, sexualidade, falta de comunicação e pela indisposição de Ares em assumir um compromisso. Ainda assim, essas dificuldades são inseridas dentro de uma narrativa predominantemente romântica, fazendo com que os conflitos contribuam para a intensidade da relação em vez de necessariamente serem apresentados como sinais de uma dinâmica problemática.

Já em *O Fabricante de Lágrimas*, de Alessandro Genovesi, as figuras centrais, Nica e Rigel, se conhecem desde crianças, pois cresceram juntos em um orfanato, apesar de não parecerem próximos em primeiro momento. A história segue quando os dois são adotados juntos por um casal que está passando pelo processo de luto após a perda de seu filho. O sonho do casal de ter novamente uma família acaba por se tornar um pesadelo para a jovem. Agora, ‘irmãos’, a relação entre Nica e Rigel é construída a partir de emoções ambíguas e de uma dinâmica marcada por amor, ódio e atração. Rigel é apresentado como um personagem de natureza sombria, enquanto Nica ocupa uma posição importante na relação com ele. A narrativa aproxima sofrimento, conflito e atração, criando uma relação que, apesar de apresentar elementos considerados problemáticos, é construída dentro de uma lógica de intensidade romântica.

Por fim, em *A Barraca do Beijo*, de Vince Marcello, essa dinâmica torna-se ainda mais evidente. O enredo gira em torno de Elle Evans, uma adolescente que se apaixona pelo irmão mais velho do melhor amigo, apesar de os dois terem uma regra escrita contra isso. O relacionamento secreto de Elle e Noah Flynn, considerado o “bad boy” da escola, é marcado por ciúmes intensos, falta de comunicação, controle excessivo e comportamentos agressivos por parte do protagonista masculino. Mesmo diante dessas características, o relacionamento é apresentado como conturbado, e não necessariamente como uma relação problemática em sua estrutura. Dessa forma, comportamentos que, fora da ficção, poderiam ser compreendidos como sinais de violência ou controle acabam sendo incorporados ao desenvolvimento do casal.

A partir da análise conjunta das obras, percebe-se que a romantização não ocorre simplesmente porque comportamentos abusivos estão presentes, mas porque eles são inseridos em uma narrativa que os relaciona à paixão, ao desejo ou à intensidade do vínculo. Possessividade e ciúme, por exemplo, podem ser apresentados como demonstrações de preocupação ou proteção, enquanto atitudes de controle são justificadas pela intensidade dos sentimentos do personagem masculino. O protagonista masculino apenas tem um grande zelo pela mocinha da história e deseja tê-la por perto sempre para a proteger do mundo e das outras pessoas, transformando-as em propriedades, confundindo os telespectadores ao dizer que isso é amor.

Essa representação pode contribuir para deslocar a compreensão desses comportamentos, fazendo com que deixem de ser percebidos exclusivamente como formas de violência e passem a integrar aquilo que a narrativa apresenta como parte de uma relação amorosa. Essa observação aproxima-se das discussões de Mattes e Rocha (2016) e Oliveira, *et al.* (2016) sobre a associação entre ciúme, controle e romantização da violência.

Outro aspecto recorrente observado nas obras é a construção da chamada “garota salvadora”. Nesse modelo narrativo, a protagonista feminina assume uma posição de compreensão, paciência e cuidado diante de um homem apresentado como traumatizado, agressivo ou emocionalmente instável. A mudança do personagem masculino passa, então, a depender da presença e do amor da protagonista, como se ela fosse capaz de transformar seu comportamento. Essa construção pode deslocar a responsabilidade pela mudança para a personagem feminina e contribuir para a ideia de que permanecer em uma relação marcada pelo sofrimento seria uma demonstração de amor ou compromisso. No relatório das obras, esse padrão aparece associado à perda gradual da individualidade das protagonistas e à repetição de términos e recomeços marcados pelo sofrimento e pela ansiedade.

Essa dinâmica também se relaciona à forma como a agressividade dos personagens masculinos é construída. Em vez de ser apresentada somente como uma característica ameaçadora, ela pode ser associada à proteção, à masculinidade e à atração. Ao analisar essas obras, destaca-se que a agressividade aparece, em alguns momentos, como algo atraente ou protetivo, o que pode reduzir, no interior da narrativa, a gravidade dos riscos associados a comportamentos instáveis e violentos em relacionamentos reais.

A repetição desses elementos nas diferentes obras permite discutir o que Florian, Yamatsumi e Santana (2025) apontam sobre a participação do cinema na transmissão de valores e modelos sociais. Não se trata de afirmar que todas as adolescentes que assistem a essas produções irão reproduzir tais comportamentos ou considerá-los desejáveis. Entretanto, quando determinadas formas de controle, ciúme, agressividade ou dependência emocional são repetidamente associadas ao amor e ao desenvolvimento de casais, essas representações podem integrar o conjunto de referências a partir das quais as adolescentes interpretam suas próprias experiências afetivas.

Essa relação também pode ser pensada a partir da identificação dos adolescentes com personagens cinematográficos. Florian, Yamatsumi e Santana (2025) apontaram que o espectador pode estabelecer vínculos de identificação e projeção com os personagens, reconhecendo neles aspectos de sua própria realidade ou características que gostaria de possuir, sendo consideradas como transformações próprias da adolescência, destacadas por Papalia, Olds e Feldman (2006). Com isso, Melo-Dias e Silva (2019), a partir da teoria da aprendizagem social de Bandura, ajudam a compreender como comportamentos observados em modelos considerados significativos podem participar da formação de expectativas e de uma coleção de comportamentos disfuncionais vistos como parte do ideal romântico.

Ainda assim, essa relação precisa ser compreendida com cautela. Mas os estudos analisados permitem afirmar que a exposição a filmes que romantizam relações abusivas, por si só, determina expectativas prejudiciais a adolescentes que não estão preparados para absorver o que há de negativo e positivo nas produções. A percepção dos relacionamentos envolve diferentes aspectos, como experiências familiares, relações sociais, gênero, contexto cultural e experiências pessoais, conforme apontado por Veríssimo *et al.* (2022) e Haack e Falcke, (2020). O cinema, portanto, pode ser entendido como parte de um conjunto mais amplo de referências que, dependendo da forma como são recebidas e interpretadas, podem reforçar ou questionar determinados modelos afetivos ou ser absorvidos de forma puramente romântica.

Nesse sentido, a literatura analisada aponta que a romantização não cria a violência de forma isolada, a análise das obras não deve ser compreendida como uma demonstração de que os filmes são responsáveis pela violência nos relacionamentos, mas como uma possibilidade de observar de que maneira determinados discursos românticos são construídos e quais comportamentos podem ser ressignificados dentro dessas narrativas. A análise conjunta evidencia que a romantização está relacionada à forma como o comportamento é enquadrado pela história: aquilo que seria reconhecido como controle, manipulação ou agressividade em uma situação cotidiana pode ser apresentado como ciúme, proteção, paixão ou sofrimento amoroso na narrativa ficcional.

As consequências relacionadas à violência no namoro também merecem atenção. Borges, Heine e Dell'Aglio (2020) relacionaram essas experiências a consequências negativas para a saúde mental e destacaram sua possível continuidade em relações conjugais posteriores. Os autores, associam a violência no namoro a problemas como depressão, ansiedade, estresse pós-traumático, transtornos alimentares, uso de álcool, tabaco e comportamentos sexuais de risco. Assim, a naturalização de comportamentos abusivos durante a adolescência preocupa não apenas pelo sofrimento vivido naquele momento, mas também pela possibilidade de contribuir para a manutenção de padrões violentos ao longo da trajetória afetiva.

Diante disso, os estudos analisados reforçam a importância de estratégias de prevenção e educação voltadas aos relacionamentos afetivos na adolescência.

Reconhecer sinais de violência depende também de compreender a diferença entre cuidado e controle, ciúme e posse, proteção e restrição. Soares, Lopes e Njaine (2013) destacaram

a importância das redes de apoio e chamaram atenção para a participação da família e da escola na discussão dessas questões com adolescentes. A prevenção, nesse sentido, não precisa se limitar à intervenção depois que a violência ocorre, podendo também favorecer o desenvolvimento da autonomia, do pensamento crítico e da capacidade de reconhecer relações saudáveis.

Nesse contexto, a educação midiática pode ser uma possibilidade complementar às estratégias de prevenção. Se filmes e outras produções audiovisuais participam da construção de representações sobre amor e relacionamentos, este estudo estimula a uma leitura mais crítica dessas narrativas que pode ajudar os adolescentes a diferenciar a representação ficcional dos significados que determinados comportamentos assumem na vida real. A proposta, portanto, não é considerar o consumo cinematográfico como necessariamente prejudicial, mas favorecer uma postura crítica diante das mensagens transmitidas, questionando quais comportamentos são apresentados como românticos, quais papéis de gênero são reforçados e quais formas de violência podem estar sendo invisibilizadas.

De forma geral, a análise conjunta dos estudos permitiu compreender que a romantização de relacionamentos abusivos em obras cinematográficas faz parte de um processo mais amplo de construção social dos modelos afetivos. A adolescência é um período importante para essa discussão por envolver a formação da identidade e das primeiras experiências amorosas; ao mesmo tempo, essa relação não deve ser vista de forma determinista, já que a percepção das adolescentes também é atravessada por fatores individuais, familiares, sociais e culturais.

Dessa forma, mais do que afirmar que o cinema produz relacionamentos abusivos, os estudos analisados permitem pensar como determinadas representações podem contribuir para reforçar concepções romantizadas sobre as relações afetivas.

Considerando que a adolescência constitui um período relevante para a formação da identidade e para as primeiras experiências amorosas, ampliar a capacidade de interpretar criticamente essas representações pode contribuir para que comportamentos abusivos sejam reconhecidos como tais, mesmo quando apresentados sob uma estética romântica. Nesse sentido, a discussão sobre cinema, violência e relacionamentos não deve se restringir à identificação do conteúdo apresentado, mas também considerar os significados atribuídos a ele e as condições sociais, familiares e individuais que participam da construção da percepção das adolescentes. A partir disso, mostra-se importante investir em ações preventivas que articulem educação emocional, discussão sobre gênero, reconhecimento dos sinais de violência e educação midiática, favorecendo o desenvolvimento de maior autonomia e de recursos críticos para compreender as representações de amor presentes na cultura e construir relações mais seguras e igualitárias.

Referências

ADORNO, Theodor W.; HORKHEIMER, Max. **Dialética do esclarecimento**: fragmentos filosóficos. Tradução de Guido Antônio de Almeida. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1985.

ANDRADE, Thaís Afonso; LIMA, Albenise de Oliveira. Violência e namoro na adolescência:

uma revisão de literatura. **DESIDADES – Revista Científica da Infância, Adolescência e Juventude**, n. 19, p. 20-35, 2018.

ANDRADE, Thaís Afonso; MORAES, Priscilla Machado; MARTINS, Camila Vieira. Violência no Namoro entre Adolescentes: Transmissão Intergeracional e Gênero. **Revista Psicologia e Saúde**, v. 15, n. 1, p. e1582194, 2023.

ARDUINI, Nicole. **A influência da mídia na construção do amor romântico**. Monografia (Bacharelado em Comunicação Social – Habilitação em Jornalismo) – Faculdade de Tecnologia e Ciências Sociais Aplicadas, Centro Universitário de Brasília (UniCEUB), Brasília, p. 54, 2008.

BANDURA, Albert. **Uma Teoria Social Cognitiva**. Porto Alegre: Artmed, 2006.

BORGES, Jeane Lessinger; HEINE, Julia Assumpção; DELL'AGLIO, Débora Dalbosco. Variáveis pessoais e contextuais preditoras de perpetração de violência no namoro na adolescência. **Acta Colombiana de Psicología**, v. 23, n. 2, p. 438-448, 2020.

CECCHETTO, Fátima; OLIVEIRA, Queiti Batista Moreira; NJAINE, Kathie; MINAYO, Maria Cecília de Souza. Violências percebidas por homens adolescentes na interação afetivo-sexual em dez cidades brasileiras. **Interface (Botucatu)**, v. 20, n. 59, p. 853-864, 2016.

COSTA, Lucas Lazzarotto Vasconcelos; VISENTINI, Danielle Machado; SCOTT, Juliano Beck; SIQUEIRA, Aline Cardoso. Gênero e violência nos relacionamentos afetivo-sexuais entre adolescentes. **Interação em Psicologia**, v. 27, n. 3, p. 242-251, 2023.

FERREIRA, Isabel Bernardes. **Violência psicológica entre parceiros íntimos na juventude: da invisibilidade à compreensão**. Tese (Doutorado em Psicologia Clínica) – Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, p. 160, 2024.

FLORIAN, Thamires Vianna de Freitas; YAMATSUMI, Vitor Eikiti; SANTANA, Célia de Oliveira. Influência do cinema nas pessoas. **REGRAD**, v. 18, n. 1, 2025.

GIRARD, René. **Mentira romântica e verdade romanesca**. São Paulo: É Realizações, 2009.

HAACK, Karla Rafaela; FALCKE, Denise. Seria o ciúme mediador entre as experiências na família de origem e a violência física na conjugalidade? **Psico-USF**, v. 25, n. 3, p. 425-437, 2020.

MARTINS, Ana Paula Antunes. Violência no namoro e nas relações íntimas entre jovens: considerações preliminares sobre o problema no Brasil. **Gênero**, v. 17, n. 2, p. 9-28, 2017.

MATTES, Etieli Guareschi; ROCHA, Nathália Facco. Adolescentes e os relacionamentos abusivos: a tendência a se concretizar em casos de violência doméstica contra a mulher. In: SEMINÁRIO INTERNACIONAL – DEMANDAS SOCIAIS E POLÍTICAS PÚBLICAS NA SOCIEDADE CONTEMPORÂNEA, 8., 2016, Santa Cruz do Sul. **Anais [...]**. Santa Cruz do Sul: Universidade de Santa Cruz do Sul, 2016.

MELO-DIAS, Carlos; SILVA, Carlos Fernandes da. Teoria da aprendizagem social de Bandura na formação de habilidades de conversação. **Psicologia, Saúde & Doenças**, v. 20, n. 1, p. 101-113, 2019.

MORAN, José Manuel. **Desafios na comunicação pessoal: gerenciamento integrado da**

comunicação pessoal, social e tecnológica. São Paulo: Paulinas. 2007.

OLIVEIRA, Francisca Moana A. de; ÁVILA, Francisca Juliana de P.; BASTOS, Nícolas M. Carneiro; VASCONCELOS, Vanessa L. Romantização do relacionamento abusivo, uma violência silenciosa: a ineficácia da Lei Maria da Penha. *In: ENCONTRO DE PESQUISA E EXTENSÃO DA FACULDADE LUCIANO FEIJÃO*, 9., 2016, Sobral. **Anais [...]**. Sobral: Faculdade Luciano Feijão, 2016.

OLIVEIRA, Queiti Batista Moreira; ASSIS, Simone Gonçalves de; NJAINE, Kathie; PIRES, Thiago de Oliveira. Violência física perpetrada por ciúmes no namoro de adolescentes: um recorte de gênero em dez capitais brasileiras. **Psicologia: Teoria e Pesquisa**, v. 32, n. 3, p. 1-12, 2016.

PAPALIA, Diane E.; OLDS, Sally Wendkos; FELDMAN, Ruth Duskin. **Desenvolvimento humano**. Porto Alegre: Artmed, 2006.

PRAXEDES, Luis Felipe de Alencar; GOMES, Vinicius Romagnolli Rodrigues. Relacionamentos abusivos entre jovens: o impacto subjetivo da violência da indústria cultural. **Revista Espaço Acadêmico**, v. 24, n. 245, p. 167-180, 2024.

SOARES, Joannie dos Santos Fachinelli; LOPES, Marta Julia Marques; NJAINE, Kathie. Violência nos relacionamentos afetivo-sexuais entre adolescentes de Porto Alegre, Rio Grande do Sul, Brasil: busca de ajuda e rede de apoio. **Cadernos de Saúde Pública**, v. 29, n. 6, p. 1121-1130, 2013.

VERÍSSIMO, Ana Virginia Rodrigues *et al.* Prevalência e fatores associados à violência no namoro entre adolescentes de escola pública. **Revista Gaúcha de Enfermagem**, v. 43, p. e20210170, 2022.

VIEIRA, Lourenço. **Sobre as influências do romântico ao amor juvenil**. Primavera, 2016. Trabalho acadêmico – Centro de Educação a Distância, Universidade Federal de Juiz de Fora (CEAD-UFJF), 2016.